



## ESPIRITUALIDADE NATURAL COMO UM ESTADO DE SER NA EDUCAÇÃO

NATURAL SPIRITUALITY AS A STATE OF BEING IN EDUCATION

Maria Glória Dittrich<sup>1</sup>  
ORCID 0000-0003-2107-9005

Vanderléa Ana Meller<sup>2</sup>  
ORCID 0000-0002-5342-2659

### Resumo:

A espiritualidade natural é um estado humano de ser em sua multidimensionalidade e potencializa sentimentos-pensamentos-attitudes no processo da existência. A educação é ação constante de formação para a evolução humana que exige o fortalecimento espiritual para o enfrentamento das adversidades, emprega habilidades que desafiam as condições de vida em sua gênese. O objetivo deste estudo busca apresentar reflexões sobre a espiritualidade natural como estado de ser na educação. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, do tipo teórica na perspectiva da hermenêutica fenomenológica para a compreensão dos conteúdos. A reflexão ficou centrada, especialmente em Frankl, Tillich e Dittrich. Os resultados do estudo indicam que a espiritualidade natural é manifestação fenomênica do ser humano, na sua maneira de ser ao manifestar-se nas relações educacionais. Viver o fenômeno da espiritualidade natural na educação é procurar compreender que as vivências de aprendizagens são estados de ser na forma de viver e de habitar no mundo. Nesse processo dinâmico, o ser humano busca respostas aos seus questionamentos e desafios do cotidiano. Direta ou indiretamente ele é impulsionado pela *dynamis* do amor incondicional à vida, como sinal da ação de uma força criativa, espiritual, que emerge desde a complexidade multidimensional de seu corpo-criante, como estrutura e organização dos seus processos autointegrativos, autocriativos e autotranscendentes que lhe conferem um estado de ser no mundo.

**Palavras-chave:** Espiritualidade. Estado de ser. Educação.

### Abstract:

Natural spirituality is a human state of being in its multidimensionality and enhances feelings-thoughts-attitudes in the process of existence. Education is a constant training action for human evolution that requires spiritual strengthening to face adversities, employs skill requirements that challenge the conditions of life in its genesis. The objective of this study seeks to present reflections on natural spirituality as a state of being in education. This is a study with a qualitative approach, of the bibliographical type, in the perspective of phenomenological hermeneutics for the understanding of the contents the basic authors were Frankl, Tillich, Dittrich. The results of the

---

<sup>1</sup> Professora no Programa de Mestrado em Gestão de Políticas Públicas, da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Itajaí, Santa Catarina, Brasil.

<sup>2</sup> Professora no Programa de Mestrado em Gestão de Políticas Públicas, da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Itajaí, Santa Catarina, Brasil.

study indicate that natural spirituality is a phenomenal manifestation of human beings, in their way of being when manifested in educational relationships. Experiencing the phenomenon of natural spirituality in education is trying to understand that learning experiences are states of being in the way of living and inhabiting the world. In this dynamic process, human beings seek answers to their daily questions and challenges. Directly or indirectly, he is driven by the dynamis of unconditional love for life, as a sign of the action of a creative, spiritual force, which emerges from the multidimensional complexity of his creative-body, as the structure and organization of his self-integrative, self-creative and self-transcendent processes that give him a state of being in the world.

**Keywords:** Spirituality. State of being. Education.

## INTRODUÇÃO

O ser humano como pessoa de profundidade psicoespiritual vive nas diversas culturas uma forma de ser, de conviver e habitar no mundo. Essa forma de ser implica cultura, no processo de educação que remete vivências dinâmicas de saberes, conhecimentos, métodos pautados em missões, valores, princípios didático pedagógicos e político-culturais, no sentido de reconhecer formas de ser, respeitando a dignidade da pessoa.

Dentro de uma formação educacional, a pessoa humana vive uma espiritualidade natural como forma de ser, sentir, pensar, agir, fazer e conviver. Ela se constitui em uma *dynamis* da vida como algo sagrado, inerente à sua constituição de ser pessoa, no fenômeno de sua existência, na formação educacional e cultural. Constituinte e constitutivo desse fenômeno processual, a educação é um *lócus* e um processo dinâmico e complexo, no qual a vida criativa torna-se potenciada, assim como pensou Aristóteles (2006). Pois, existe a possibilidade e a efetivação das ações para o pertencimento e o (re)encontro do ser consigo mesmo, com o outro, com a cultura, com a natureza e com Deus.

Com efeito, aqui surge no processo educativo, fenomenologicamente, funções psicológicas como: intencionalidade, percepção, compreensão para as práticas que mobilizam a potencialidade humana para ser mais. A sensibilidade-razionalidade do ser humano requer capacidades espirituais para a organização de saberes e de conhecimentos criativo e crítico, na busca de sentido existencial para as vivências no cotidiano, nos processos educativos em prol do bem-estar físico, psíquico, social e ecológico. Quando a “[...] pessoa perde o apoio espiritual, deixa-se cair interiormente e decai física e psiquicamente” (FRANKL, 2008, p. 55).

Considerar a espiritualidade natural como dimensão humana e estado de ser na educação é um desafio a ser retomado, perante os modelos educacionais instituídos no decorrer dos tempos, pois podem impactar nas vivências de significado profundo no espírito criativo humano.

Tillich (1972), filósofo e teólogo existencialista, reflete sobre a espiritualidade como um estado de ser do humano e isso implica sua liberdade natural. Ao encontrar sua finitude descobre que existe muito mais do que conquistas materiais para se preocupar ao longo da sua vida. Viver a liberdade para ser no mundo, como um estado de realização da subjetividade humana é a tônica para descobrir o sentido de viver como um fenômeno correlato e intrínseco à espiritualidade.

O modelo cartesiano de educação dualizou o ser humano em corpo e razão. Além disso, limitou e categorizou-o em uma visão linear, matematizada em estados de ser objetificados e desprovidos de uma compreensão espiritual natural de sentido profundo. Nessa visão, as formas

humanas de ser são racionalizadas com lógica de causa efeito, apontando uma distinção e clareza das ideias para o funcionamento da mentalidade técnica. Um modelo que não agregou a sensibilidade humana, mas que minimizou o fenômeno da espiritualidade com práticas racionais normatizadas dogmáticamente, tornando-se por vezes repetitivas e desnecessárias. Sustentando esta ideia diz Descartes,

[...] não são os sentidos que nos fazem descobrir a natureza do que quer que seja, mas apenas a nossa razão quando intervém, não se deve estranhar que a maior parte dos homens só apreenda as coisas confusamente, pois poucos estudam a forma de se conduzirem corretamente (1997, p. 56).

Um dos impactos dessa visão foi que os educadores passaram a desconsiderar a espiritualidade natural, direta ou indiretamente, na sua causalidade e ultimidade, perdendo uma grande força propulsora do ensinar-aprender na ciência e para a vida do ser humano. Esta é uma problemática que carrega a desintegração humana, pois a espiritualidade natural é “[...] manifestação autêntica do ser humano, da força vital e criativa expressa nas relações consigo mesmo, com o outro e com o meio, como unidade integrante da natureza” (DITTRICH; PAHL; MELLER, 2021, p. 287).

Consideramos aqui uma visão abrangente de educação, como prática que ocorre na dinâmica da vida e das relações cotidianas das pessoas, permeadas pela cultura e como direito social, instituída por leis e garantida nas instituições formais, bem como por políticas públicas educacionais. Entendemos que o processo educativo é constante em nossas vivências e contatos diários, desde o familiar, social e institucional no âmbito das escolas formais e todo este processo impacta no ser humano que nos constituímos. Quando uma criança chega pela primeira vez na escola traz consigo uma visão de mundo, com registros em memórias corporais que integram seu aprender e influenciam as suas novas percepções e compreensões e isso implicará na sua forma de ser, logo na sua espiritualidade natural.

O desafio é repensar a pessoa humana na sua multidimensionalidade e compreender que a espiritualidade natural é constitutiva do seu ser no mundo aqui e agora. É ela que permite a sua subjetividade como expressão, única e criativa no processo de saber-fazer-viver-conviver na educação. A necessidade urgente desta retomada apresenta-se nas próprias condições humanas, existenciais, da contemporaneidade. Se sabemos que a espiritualidade é a manifestação da força vital, como presença de algo profundo que conclama à descoberta do sentido de ser, diante dos desafios, torna-se necessário encontrar meios para valorizá-la, como manifestação natural que está ligada à liberdade de um estado ser do humano. Isso tem significado ontopsicológico na condição humana - o desejo de realizar o sentido de o porquê viver. Esse fenômeno está ligado direta ou indiretamente às culturas como estados, maneiras de ser, de pensar, de agir, de conviver e educar.

No processo educativo existe uma necessidade ontopsicológica e antroposocial para o ser humano cuidar de sua vida, psicoespiritualmente, diante de adversidades e alegrias. Tal percepção é real, especialmente num estado de ser de finitude, como, por exemplo, nas experiências de perda do controle da vida no cotidiano, em várias dimensões do viver.

Diante das experiências existenciais há emergência da espiritualidade natural da pessoa como um ser-no-mundo que, muitas vezes, pode se expressar pela percepção de uma vivência de amorosidade, como força criativa para a continuidade da vida em si.

Depois desta breve introdução, apresentando uma compreensão sobre a espiritualidade natural amparada na teoria do corpo-criante (DITTRICH, 2010), especialmente nos três estados de ser espiritual na vida - a autointegração, a autocriatividade e autotranscendência. Destacamos que Dittrich, entre vários autores que contempla na sua teoria, usando a transdisciplinaridade, Frankl e Tillich são base para a psicologia e a teologia.

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, na perspectiva da hermenêutica fenomenológica para a compreensão dos conteúdos. A questão norteadora é: Qual o entendimento sobre espiritualidade natural como estado de ser na educação? O objetivo geral busca apresentar reflexões sobre espiritualidade natural como estado de ser na educação.

### **ESTADOS DE SER NA ESPIRITUALIDADE NATURAL: AUTOINTEGRAÇÃO - AUTOCRIATIVIDADE – AUTOTRASCENDÊNCIA.**

O estado de ser correlaciona-se com nossa condição humana do corpo-criante, como pessoa de dignidade na multidimensionalidade bio-psico-espiritual-social-cultural-ecológica. A dimensão espiritual nos proporciona suportes para a vivência dos nossos sentimentos, de modo mais positivo e resiliente, uma condição importante no processo educacional.

Ao falarmos de espiritualidade natural centramos um foco - o corpo-criante como um ser naturalmente espiritual. A ontoantropologia deste implica reconhecermos duas dimensões: primária e secundária. Na dimensão primária temos a base biofísica (organização e estruturação da rede psicossômática do corpo); psíquica (as funções psicológicas – intuição, intencionalidade, emoção, percepção, razão) e espiritual (lócus profundo para a busca da saúde e do sentido de ser). (DITTRICH, 2010). Na dimensão secundária temos a base sócio-cultural (os valores e princípios, imagens, símbolos e signos), política (organização e estruturação de leis, normas, instituições de formas de gerir a sociedade e território); ecológica (da organização e estruturação das dinâmicas da natureza nos seres). A tecitura dessas dimensões apresenta uma complexidade nascida e parida no fluxo dinâmico da energia vital que é criativa – na sua autointegração, autocriatividade e autotranscendência.

A espiritualidade natural na educação, como um estado de ser, implica percepção do ser humano sobre uma presença espiritual em si, que o constitui um ser sensível e inteligível. Na teoria do corpo-criante proposta por Dittrich (2010), em uma perspectiva fenomenológica, o ser humano é um todo e apresenta uma estrutura e organização que o promove como pessoa espiritual, que expressa um estado de ser capaz no seu pensar, sentir e agir, na dinâmica do em si, para fora de si e para si.

Na dinâmica do em si mesmo, nos processos educacionais, se traduz um sentimento de intencionalidade que já perpassa todo o corpo-criante nas dinâmicas educativas de ensino aprendizagem, mas que não se define por si só. As dinâmicas são condições para a direção da percepção do corpo-criante, pessoa humana sobre a criação da linguagem de seus movimentos e comunicação. As vivências desse estado de ser são de natureza espiritual, como força criadora que lança o corpo-criante para fora de si mesmo, na busca de captar, sentir, perceber e entender o fenômeno educativo que se apresenta em si e diante de si. Viver isso é ter que criar a partir de si, da sua interioridade intencional, perceptiva consciente, e busca de sentido para o conhecimento apreendido para a vida, isso é o para si – objetivo perspectival.

O corpo-criante é um fenômeno complexo e dinâmico no ato educativo. Suas conexões internas e externas mantêm a vida como condição da existência, com possibilidade de surgir novos estados de ser que implicam maneiras subjetivas para interações criativas.

A visão de que o espírito humano sustenta a centralidade de toda estrutura e organização das dimensões humanas e suas interconexões, possibilita perceber que o corpo-criante enquanto espírito é um holos constituinte da relação consciente-inconsciente humano. Na educação, ele torna possível o irradiar da vida como movimento criante na descoberta de saberes e novas formas de ser, que se fazem de certas maneiras em expressões de amor - energia espiritual que acolhe, restaura, repele, cria e recria o humano no mundo, dentro de uma cultura e nas interações com outras culturas.

Considerando Tillich (2005), Dittrich (2010), explica as formas de ser espirituais da vida do corpo-criante em três dimensões, as quais interferem na educação da pessoa: - autointegração (princípio da centralidade); - autocriatividade (princípio de crescimento); - autotranscendência (princípio de sublimidade).

A vida como autointegração na educação remete a forma de ser do corpo-criante como um ser vivo em sua complexidade. Ele é orgânico e tem uma dynamis na sua estrutura e organização que o mantém integrado em si. Essa integração permite que a vida o habilite para ser e sentir-se envolvido num sentimento de amor criativo que o mobiliza a estar em si e abrir-se para fora de si nas intra e inter-relações, sem se perder de si, garantindo a sua integralidade nos processos criativos. “[...] a criatividade é intrínseca ao corpo-criante humano e tem um fundamento último – o amor criante” (DITTRICH, 2010, p. 140). Nessa dimensão o corpo-criante encontra sua centralidade vivendo subjetivamente o fenômeno da autopoiese como afirmou Maturana e Varela (1997). Isso ocorre quando o ser humano se organiza exercendo a sua capacidade permanente de autoprodução e interagindo com o meio.

Uma educação mais integradora coloca o sujeito no centro do processo e favorece a autointegração, pois educar é conviver em um espaço de aceitação recíproca, onde haja o respeito consigo mesmo e ao outro, delineando-se assim um novo caminho a ser percorrido.

A efetivação da autointegração do corpo-criante integra “[...] um movimento de força vital congregadora, centrípeta, que vai constituindo a sua centralidade humana – o eu pessoa, a que Frankl chamou de pessoa profunda espiritual. Este autofazer-se é criatividade” (DITTRICH, 2010, p. 162). O movimento do eu vital é centrípeto, portanto integra circularidade e com sua força central constitui as individualidades (TILLICH, 2005). O desenvolvimento humano na educação depende de sua centralidade, a qual resulta a formação do eu, essa capacidade é promovida pela espiritualidade natural em sua força vital, sagrada.

Na formação humana, quando o processo educativo fortalece a espiritualidade favorece o movimento interior, a subjetividade na construção do eu como autointegração, um movimento centrípeto que estabelece força para dentro, para as profundidades sensíveis do ser. Destacamos que quando as aprendizagens solicitam somente a objetividade, a racionalidade técnica, o movimento é centrífugo, de força para fora. Entendemos a necessidade do equilíbrio entre estas forças, na organização do conhecimento no movimento em si, que se expande para fora de si e que tem força para o retorno para si, mantendo a circularidade.



A vida como autocriatividade na educação remete percebermos que ensinar e aprender nos processos educativos tem um foco central – a capacidade de criar. Esta implica abertura e encantamento para descobrir o novo, no próprio aprender a aprender e fazer. A autocriatividade é um princípio próprio de desenvolvimento do corpo-criante como um todo multidimensional, que se expressa na sua forma de ser no aprender, conhecer e conviver, nas amplas relações que estabelece na educação, dentro de uma sociedade com um tecido cultural complexo, por isso dinâmico. Ressalta-se que “a autocriatividade não quer dizer que o corpo-criante se cria a si mesmo em termos de criação original ao criar uma obra de arte. Não é isso! O entendimento é de que, ao criar a sua obra, ele vive a autocriatividade da vida, pois seu fundamento último se revela em amor criante que é gênese permanente.” (DITTRICH, 2010, p. 205).

A autocriatividade tem um movimento centrífugo elíptico, de saída de si sem sair de si. Por ele a vida se autocria e se reproduz, pois como bem disse Maturana (2006), o amor é a base biológica para que surja o ser vivo e estabeleça relações sociais. Sem amor não há criatividade, não ocorre a auto-organização do corpo-criante como vida organizada na educação. O encantamento da formação educacional ocorre quando o corpo-criante experimenta emoções de amorosidade, que explodem nas suas vivências criativas e isso é viver a manifestação da espiritualidade natural, como uma forma de ser, que impulsiona à busca de sentido no aprender, repensar e fazer. Com efeito, esse processo é revelação de um poder inerente ao corpo-criante, que lhe confirma a centralidade da sua maneira de ser e de dar-de-si em si mesmo, conferindo a autointegração de todos os seus componentes estruturais, autopoieticos, que lhe autorizam expressar suas emoções e razões.

A vida como manifestação de autotranscendência na educação registra-se na liberdade do corpo-criante como pessoa de dignidade, para poder ser na sua integralidade multidimensional, vertical e horizontal, sob a dynamis de seu fundamento último – o noético – espírito de amor para o sentido de ser no mundo. Na prática educativa a autotranscendência é o processo de conexão da autointegração e da autocriatividade que dá a coragem de poder ser, além da própria finitude humana. Esse fenômeno permite o sentir-pensar-fazer no ensino-aprendizagem, nas vivências educativas, sob o impacto de uma espiritualidade profunda como um modo de ser que “revela o amor criante de Deus como caminho para a descoberta de sentido de vida.” (DITTRICH, 2010, p. 207).

Uma educação que compreende que viver a vida como autotranscendência permite ao ser humano, corpo-criante, pessoa de dignidade, desabrochar seus potenciais estados de ser, buscando saber quem ele é, o que ele é, por que ele é, para onde dirigir-se e o que quer de sua vida. Isso o ajuda perceber o que é o ser e o não-ser na sua caminhada existencial.

Na visão de Tillich (1972), a espiritualidade é de natureza ontopsicológica, ou seja, da dimensão do ser espiritual que constitui a força criativa do ser humano para a dinâmica de sua existência. É fundamental entender o que é Espírito, para Tillich.

Espírito não é uma substância misteriosa, não é uma parte de Deus; é Deus mesmo, porém, não Deus como criador de todas as coisas [...], mas Deus quando está presente nas comunidades e nas pessoas [...], inspirando-as, transformando-as (TILLICH, 1972, p. 59-60).

Frankl (2008) nos apresenta o quanto a educação em seu processo formativo pode contribuir para o fortalecimento humano, especialmente espiritual, pois identificou que as pessoas que ele considerava mais sensíveis emocionalmente, por terem uma vida intelectual e culturalmente ativa, experimentaram as situações externas dolorosas “[...] com efeitos para ela menos destrutivos em sua existência espiritual” (FRANKL, 2008, p. 29). Expressa que isso ocorre porque “[...] permanece aberta a possibilidade de se retirar daquele ambiente terrível para se refugiar num domínio de liberdade espiritual e riqueza interior”. (FRANKL, 2008, p. 29). Nesta realidade, esse autor reconheceu que as pessoas em situação de sofrimento, como em um campo de concentração, apesar do primitivismo que as dominariam, são estimuladas à “vivência do próprio íntimo”, o fortalecimento de sua espiritualidade.

Para Dittrich (2010, p. 165), a espiritualidade do ser humano é a expressão legítima, verdadeira, da ação do Espírito de Deus que se faz “[...] fundamento de amor criante, essencial, que dá a vida como poder criador no espírito humano” no mundo. Com efeito, viver a espiritualidade é uma experiência que remete um estado de ser em movimento existencial, na educação estas experiências são fundantes na busca do ensinar-aprender.

Para Larrosa (2002), experiência no latim - *experiri* – promove uma relação com o que experimentamos e provamos. O radical é *periri* em -*periculum*-, perigo. No grego essa raiz demarca a travessia, o percorrido, a passagem:

O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o *ex* de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o *ex* de existência. [...] Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo. (LARROSA, 2002, p. 20).

Logo, na radicalidade do termo tem-se a experiência de sobreviver diante dos perigos, em contraste com a morte, ou seja, é um lançar-se na vida experimentando, correndo os perigos de sobreviver no mundo.

Aprender no processo educativo é correr riscos na impressibilidade do conhecimento, torna-se fundamental a revisão dos valores éticos e estéticos que são elevados. A espiritualidade natural nos desafia ao processo de manutenção dos valores vitais, pois viver a espiritualidade na socialização do ser humano, dentro de uma cultura, implica um estado de ser no pensar, no sentir, no aprender, no agir e no conviver social.

No campo das experiências, Tillich (1977) aponta para a espiritualidade como um desvelar natural do ser humano na sua dinâmica criativa, espiritual, do seu ser-no-mundo. Nos questionamos, como todo processo educacional pode contribuir com essa transcendência existencial como dinâmica da espiritualidade natural?

A espiritualidade é um fato e um ato antropocêntrico, porque faz parte da vivência humana experimentada em todos os tempos. Tillich (1977) diz que espiritualidade é um fenômeno que atua como sentido e significado dentro das estruturas existenciais. O ser humano vive a partir de uma centralidade, que só pode acontecer com um sentido para a vida na dinâmica espiritual do viver a vida e o morrer para a vida. Diante disso, essa centralidade é constantemente abalada pelos desafios da vida que leva ao ser humano para vivenciar uma situação de estados de ser na educação. Por

exemplo, são desafios perante os princípios preconizados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), 9394/96, uma educação “[...] inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, e que tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania.” Quando pensamos sobre isso percebemos a questão da espiritualidade natural do ser humano, como um estado de ser para enfrentar desafios e responsabilidades que são deveres do Estado e da família. (BRASIL, 1996).

Deixamos claro que sendo a espiritualidade natural a expressão legítima de um estado de ser, único e indeterminando no movimento criativo do corpo-criante na sua educação, ela precisa ser pensada além da visão de uma espiritualidade religiosa, institucionalizada. Ela é da natureza humana, está ligada ao cerne da energia vital criativa do ser, ela encerra algo de sagrado, ligada ao amor, à criatividade, à transcendência no desejo de saciar sentido de vida. (MEIRELES; DITTRICH, 2021, p. 1189). Logo, na educação o sentido de ensinar e aprender se gesta e emerge em maneiras de ser, que são estados de espiritualidade natural, nos quais o ser humano se realiza descobrindo seus limites e potencialidades.

## CONCLUSÃO

As reflexões realizadas neste artigo apontam para uma tomada de consciência sobre o quão complexo é o tema espiritualidade natural como estados de ser na educação. Consideramos a necessidade do exercício metodológico da inter-transdisciplinaridade, considerando ainda um pensar de abordagem fenomenológica.

A espiritualidade é uma experiência originária, no sentido de buscar aquilo que é o próprio fundamento do ser humano – a presença do Espiritual – força de amor criante (DITTRICH, 2012). É a experiência humana de superação da própria finitude existencial. Com efeito, no profundo do ser humano se encontra o ser-em-si, a superação do nada. Em Tillich (1977) o conceito de “existência” indica um estado de ser capaz de fazer o humano estar em si mesmo e ir além de si mesmo nos seus limites e potencializações nos estados de ser diante dos desafios da vida, como um deles ensinar e aprender para saber e poder fazer. Significa vivenciar a espiritualidade natural como um estado de ser consciente, que age e confirma sua identidade como pessoa espiritual, com dignidade incondicional por deter a vida – expressão do amor criante de Deus, como energia vital, sagrada. Essa energia está no corpo-criante humano, que integra a sua centralidade – o em si mesmo, a sua autocriatividade – o de si mesmo no movimento criador para forma de si, e a sua autotranscendência – o ir além de si mesmo e descobrir uma razão, um sentido de ser para si na vida.

Esta reflexão acima indica que na cultura da educação em diferentes tempos e abordagens vivemos o fenômeno da espiritualidade natural como estado de ser, seja do ser ensinante, ou do ser aprendente. A educação promove o desenvolvimento e a evolução do ser humano, para tornar-se mais humano e sábio na sua forma de ser, criar, amar e conviver. É nela e com ela que o ser humano aprende a ir além de si mesmo, sem se perder de si, reconhecendo-se como pessoa digna de viver a vida e respeitar o outro, a natureza como um todo vivo, expressão da legítima criatividade do Espírito de Deus, presente também no espírito humano.

Para falar do ser como um estado, na perspectiva de Tillich (1977), implica compreender a vida como algo sagrado, que tem uma força natural, criativa, que está em permanente gênese de



um Criador. Dentro de uma visão fenomenológica e interdisciplinar entendemos que Deus é o SER-em-SI que fundamenta toda a estrutura e organização das múltiplas dimensões do ser do humano para poder ser e construir sua existência.

Na educação, os desafios e as experiências da espiritualidade como estado de ser podem possibilitar sensações de paz, harmoniza e capacidade para a correspondência entre o pensar, o sentir e o agir. Ensinar-aprender é uma condição e capacidade de elevação espiritual natural quando promove a busca do sentido de vida. “A educação é um campo fértil para o fortalecimento da espiritualidade natural, pois envolve saberes e práticas reflexivas em diferentes contextos que podem ser direcionadas à elevação das dimensões bio-psico-espiritual [...]” (DITTRICH; PAHL; MELLER, 2021, p. 285). Esta dinâmica envolve a subjetividade humana e diálogos intersubjetivos para as descobertas e compreensões dos saberes.

Na existência, o ser humano valoriza muito a vida em detrimento da morte, como experiência do não-ser, a finitude. O ser humano é um ser que reconhece sua autointegração, a qual implica percepção de todos os elementos, que constitui o seu ser corpo-criante, manifestação da vida como algo sagrado e complexo. Esse processo é a autocriatividade, buscando a sua autotranscendência, ou seja, a superação de seus limites para além de si mesmo. Com feito, é viver a força de voltar-se para si mesmo e sair de si mesmo em sentimento, pensamento e ação, reconhecendo a dynamis da vida como movimento da gênese do Ser Criador no ser humano – Deus (DITTRICH, 2010; 2012).

Diante de suas questões sobre a vida, pessoas procuram respostas dentro de várias áreas de conhecimento seja na ciência, na filosofia ou outros saberes. Para Tillich (2005), quando se fala do estado de ser, é preciso pensar interdisciplinarmente entre a Filosofia e a Teologia, pois as questões existenciais apontam para a necessidade de se perguntar pelo fundamento último do ser – Deus. “A existência pergunta por Deus e por um fundamento. Deus, porém, é a resposta de maneira simbólica, uma vez que não se pode pensar exatamente o que é Deus. Deus é o nome para aquilo que preocupa o ser humano de forma última.” (TILLICH, 2005, p.219; apud EMILIO 2010; p.168).

Na educação, viver o fenômeno da espiritualidade natural envolve a busca da compreensão das vivências e aprendizagens como estados de ser na forma de viver e de habitar no mundo. O ser humano está em constante busca de respostas para seus questionamentos e desafios vividos. A espiritualidade natural é energia vital criadora que impulsiona o ser humano, corpo-criante, a buscar sempre mais seja na dor ou no amor, um sentido no conhecimento gerado em suas vivências no processo de sua educação no mundo.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Edipro, 2006.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 18 jul. 2023.

DESCARTES, R. **Princípios da filosofia**. Tradução: João Gama. Lisboa: Edições 70, 1997.

DITTRICH, M. G.; DITTRICH, L. O corpo-criante dançante: um olhar. *In*: TORRE, S. de La (org.). **Fractal de palavras de amor**: em homenagem y reconocimiento a Jannette Inchauste. Espanha, Madri: Editorial Círculo Rojo, 2023. p. 131 – 135.

DITTRICH, Maria Glória. O corpo-criante, cuidado à saúde e arteterapia. VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 18º Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais**. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013.

DITTRICH, M. G. **Arte e criatividade. Espiritualidade e cura**. Blumenau: Editora Nova Letra, 2010.

\_\_\_\_\_. O ser humano e a espiritualidade. *In*: Sonia Bufarah Tommasi. **Pensando a arteterapia como arte, ciência e espiritualidade**. São Paulo: Vetor, 2012.

EMILIO, G. E. Ser-em-si e símbolo: a forma e a dinâmica da Teologia Sistemática de Paul Tillich. **Rev. Eletrônica Correlatlo**, São Paulo, n.17, p.154-177. Jun. 2010.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LARROSA, J. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. *In*: **Revista Brasileira de Educação**. No. 19, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 15/07/2023.

MATURANA, H. R. Biología del fenómeno social. *In*: MATURANA, H. R. **Desde la biología a la psicología** 4. ed. Santiago: Editorial Universitaria, 2006. p. 69-83.

MATURANA, H.; VARELA, F. **De máquinas a seres vivos**. Autopiese – a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MEIRELES, M. V. C.; DITTRICH, M.G. A contribuição da espiritualidade natural para a saúde em tempos de crise. **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 19, n. 60, p.1184 – 1201, set./dez. 2021.

TILLICH, P. **Teologia Sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

\_\_\_\_\_. **Teologia Sistemática**. Tradução de Enio Muller. 5ª. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pensamiento cristiano y cultura en occidente**: segunda parte: de la ilustración a nuestros días. Tradução María Teresa la Valle. Buenos Aires: Asociación Editorial La Aurora, 1977.

\_\_\_\_\_. **A coragem de ser**. 2. ed. Tradução Eglê Malheiros. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A. 1972.